

16º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2025

Uma análise comparativa dos recursos sintáticos presentes na arquitetura de “Missa do Galo”, de Machado de Assis, e o conto homônimo de Lygia Fagundes Telles

GABRIELA CARDOSO GENERATO¹, CRISTINA LOPOMO DEFENDI²

¹Graduanda em Licenciatura em Letras, Bolsista PIBIC/CNPq, IFSP, Campus São Paulo, gabriela.generato@aluno.edu.br.

²Doutora em Letras (Língua portuguesa), Orientadora PIBIC/CNPq, Professora Titular no IFSP, Campus São Paulo, crislopomo@ifsp.edu.br.

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 8.02.00.00-1 Letras

RESUMO: Baseando-se nos conceitos teóricos de Bakhtin (2013), os quais dissertam sobre a relevância do estudo do uso estilístico das formas gramaticais, o projeto vigente buscou analisar as escolhas sintáticas envolvidas na arquitetura do conto “Missa do Galo”, publicado em 1899 por Machado de Assis, em comparação com as escolhas sintáticas da releitura homônima de Lygia Fagundes Telles, publicada primeiramente em 1977, a fim de demonstrar como se dá a intertextualidade entre as obras a partir da materialidade linguística e a relação interdependente entre forma e função gramaticais na construção literária. Para isso, foi feito um levantamento de recursos sintáticos que foram analisados tanto com o aporte teórico-gramatical de Neves (2006 e 2018) e Castilho (2010), quanto com princípios e categorias da Linguística Funcional, iconicidade, marcação, transitividade e plano discursivo (Cunha e Tavares, 2016). Pelo estudo, verificou-se que, apesar de divergirem-se em estilo, os contos analisados compartilham uma atmosfera narrativa, construída sintaticamente, que se centra no tom memorialista e na preocupação com os “não acontecimentos” entre suas personagens no decorrer de suas conversações ambíguas.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Funcional; Iconicidade; Plano Discursivo; Forma-Função; Machado de Assis; Lygia Fagundes Telles.

A comparative analysis of the syntactic resources present in the architecture of “Missa do Galo”, by Machado de Assis, and the homonymous short story by Lygia Fagundes Telles

ABSTRACT: Based on theoretical concepts of Bakhtin (2013), which discuss the relevance of studying the stylistic use of grammatical forms, this project sought to analyze the syntactic choices involved in the structure of the short story "Missa do Galo" published in 1899 by Machado de Assis, in comparison with the syntactic choices of the homonymous retelling by Lygia Fagundes Telles, first published in 1977. The aim was to demonstrate how intertextuality between the works occurs based on linguistic materiality and the interdependent relationship between grammatical form and function in literary construction. To this end, a survey of syntactic resources was carried out and analyzed both with the theoretical-grammatical framework of Neves (2006 and 2018) and Castilho (2010), as well as with principles and categories of Functional Linguistics, iconicity, markedness, transitivity, and discursive plans (foreground-background) (Cunha and Tavares, 2016). The study revealed that, despite differing in style, the stories analyzed share a narrative atmosphere, constructed syntactically, which focuses on the memorialist tone and the concern with the “non-events” between the characters during their ambiguous conversations.

KEYWORDS: Functional linguistics; Iconicity. Discursive plans (foreground-background). Form-Function; Machado de Assis; Lygia Fagundes Telles.

INTRODUÇÃO

O conto “Missa do Galo”, de Machado de Assis, e seu diálogo repleto de ambiguidades entre as personagens Nogueira e Conceição, ainda é fonte de grande influência literária, inclusive para Lygia Fagundes Telles, contista e romancista brasileira do século XX. O texto homônimo de Telles, apesar de possuir um estilo diferenciado daquele presente no conto original, não deixa, é claro, de aproximar-se e dialogar profundamente com o texto machadiano. Busca-se, nesta análise, esmiuçar o diálogo sintático existente entre os textos e os estilos dos autores, a fim de compreender os efeitos de sentido das escolhas sintáticas de construção textual da “Missa do Galo” original e como se manifestam e se modificam na releitura homônima de Lygia Fagundes Telles.

De acordo com Bakhtin (2013, p. 24-25), todas as formas gramaticais “podem e devem ser analisadas do ponto de vista das suas possibilidades de representação e expressão, isto é, esclarecidas e avaliadas de uma perspectiva estilística”. Dessa forma, a escolha de um autor por uma forma gramatical em detrimento de outra deve ser avaliada, uma vez que “nada no texto é gratuito e, portanto, qualquer diferença entre dois textos tem significação” (Neves, 2006, p. 246). Assim, Telles opta por outras abordagens ao conteúdo do texto de Machado, transformando seu sentido por meio da transformação de sua forma, ao mesmo tempo em que alude fortemente ao estilo do escritor carioca.

Portanto, fica evidente a relevância da contribuição de autores da Linguística Funcional para o estudo destas obras literárias, como Neves (2006; 2018), Castilho (2010) e Cunha e Tavares (2016) já que explicam a língua como sendo configurada por meio da cognição humana e razões comunicativas, ou seja, deve ser analisada como estando sempre a serviço de determinados propósitos, dentro de determinados contextos.

MATERIAL E MÉTODOS

Foi realizada a análise de dois contos. O primeiro, o conto “Missa do Galo” original, foi primeiramente publicado em 1893, sendo depois incluído no livro *Páginas Recolhidas*, obra de Machado de Assis composta por textos de variados gêneros, como contos e crônicas, com temáticas variadas. O segundo, de Lygia Fagundes Telles, por sua vez, surgiu como parte de um projeto em conjunto com outros cinco autores que resultou na publicação da coletânea de contos “Missa do Galo: variações sobre o mesmo tema”, em que cada conto, um de cada autor, reconta os eventos da obra de Machado a partir de distinta perspectiva. Depois, Telles incluiu o conto em sua obra *A Estrutura da Bolha de Sabão*, reeditada com este nome em 1991.

Para a execução da análise, primeiramente foi feita uma seleção de trechos-chave do conto de Machado de Assis, montando-se assim um *corpus* para análise qualitativa e quantitativa. Os dados recolhidos a partir disso foram referentes à, por exemplo, escolha dos tempos e aspectos verbais, às propriedades sintáticas das ações dentro dos períodos, assim como a ordenação dos elementos dessas orações, a partir das quais foi possível estabelecer o funcionamento da *iconicidade* e da *marcação* linguísticas (Cunha e Tavares, 2016). A *iconicidade* baseia-se na correlação natural e motivada entre a forma e sua função (entre o código linguístico e o seu significado) e a *marcação* pode ser observada a partir das distinção entre um par contrastivo, sendo considerado marcado aquele membro do par que possui uma qualidade ausente no outro, o não marcado.

Também foi analisado o grau de *transitividade* das orações e como estas constituem o *plano discursivo* do conto. A *transitividade*, para Hopper e Thompson (1989, *apud* Cunha e Tavares, 2016, p. 30), é contínua, escalar, e se aplica à oração inteira e não somente ao verbo, como visto na gramática tradicional. Já o *plano discursivo* é o encarregado da organização da estrutura do texto com base na dicotomia *figura e fundo*, ou seja, a parte do texto narrativo responsável pela sequência temporal de eventos e que delimitam agentes, e a parte composta pelas descrições e avaliações que “molduram” a figura.

Além do apoio teórico de Cunha e Tavares (2016) para a observação dos princípios e categorias da Linguística Funcional destacados, foram utilizadas as contribuições de outros autores fora do eixo tradicional do estudo da língua, como Neves (2006; 2018) e Castilho (2010).

O mesmo processo, então, foi repetido durante o exame do conto “Missa do Galo” de Lygia Fagundes Telles — o que possibilitou a comparação entre os dois contos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentam-se aqui alguns resultados da análise realizada tanto do conto de Machado, quanto do conto de Telles.

O que primeiro se nota na “Missa do Galo” de Machado de Assis é que, como muitas outras obras do autor, trata-se de um texto memorialista, o que se manifesta no corpo linguístico principalmente por uma imprecisão narrativa e uma descrição temporal psicológica que aparenta ser maior do que o tempo real da ação.

O conto possui um uso predominante do aspecto imperfeito do verbo, que se relaciona com a falta de “completamento” da ação (Neves, 2018, p. 191). Este aspecto imperfeito, somado ao aspecto durativo do gerúndio, também bastante utilizado na obra, é um dos principais responsáveis pela criação de um “tempo psicológico” dos eventos, que, na forma de memórias, dão a impressão de durarem e se arrastarem de maneira imprecisa, como no trecho “**Falava emendando** os assuntos, sem saber por que, **variando** deles ou **tornando** aos primeiros, e **rindo** para fazê-la sorrir e ver-lhe os dentes que **luziam** de brancos, todos iguaizinhos” (Assis, 2002, p. 228-229).

Por conta deste uso, grande parte das orações possui grau baixo de transitividade, aumentando o número de trechos que fazem parte do *fundo* narrativo em relação aos que fazem parte da *figura*, mais predominantes a partir do início da conversa entre os dois personagens, quando Conceição entra na sala em que Nogueira espera pelo horário da Missa do Galo. Não há no conto uma grande quantidade de ações realizadas pelas personagens, o que faz com que se destaquem os momentos em que ações de fato ocorrem, em orações com maior grau de transitividade, ou seja, orações com sujeitos agentes e intencionais, eventos concluídos, reais e pontuais, como as seguintes: “fincara os cotovelos no mármore da mesa e metera o rosto entre as mãos espalmadas” (Assis, 2002, p. 228).

O que também contribui para um ritmo mais lento da narrativa são passagens como “A conversa reatou-se assim **lentamente, longamente**, sem que eu desse pela hora nem pela missa” (Assis, 2002, p. 230), em que se manifesta o subprincípio de quantidade da iconicidade por meio do uso de dois advérbios, o que descreve uma conversa que se “arrasta”, mesmo que o tempo de duração desta conversa não possa ter sido de fato longo. Já que há uma maior complexidade de sentido, essa construção do tempo psicológico, de fenômenos emocionais relacionados à memória, há também maior complexidade sintática.

Algo que também se relaciona à opacidade da contação de uma memória, assim como às insinuações eróticas nas interações das personagens de algo que não se concretiza no texto, é a criação de uma atmosfera profundamente ambígua e dualística no conto. A serviço disso, há no texto a presença de paralelismos sintáticos, que aqui representam também o subprincípio de quantidade da iconicidade, mas, além disso, representam exemplos do princípio da marcação prototípica, a partir dos critérios de complexidade estrutural e cognitiva (estrutura marcada é maior e mais cognitivamente complexa que a não marcada). Exemplos de paralelismos podem ser encontrados nos seguintes trechos: “Concordei, **para dizer alguma coisa, para sair da espécie de sono magnético**, ou o que quer que era que me tolhia **a língua e os sentidos**” (Assis, 2002, p. 232) e “Afinal, cansou, trocou **de atitude e de lugar**.” (Assis, 2002, p. 229). No primeiro trecho, vê-se a motivação dupla da ação de concordar por meio da complexidade estrutural, assim como a dupla afetação, física (língua) e mental (sentidos) daquilo que atingiu a personagem. No segundo trecho, observa-se que as mudanças de motivação da personagem Conceição se manifestam também em sua movimentação pela sala de visitas onde se passa sua conversa com Nogueira.

Como na obra de Machado, na “Missa do Galo” de Telles também se destaca o uso do aspecto imperfeito — desta vez pela utilização de verbos no presente do indicativo, como na frase de abertura do conto: “Encosto a cara na noite e vejo a casa antiga” (Telles, 2018, p. 342). O presente do indicativo, pela sua propriedade de “não acabado” (Neves, 2018), faz com que se tenha, no texto de Telles, a impressão de acompanhamento da ação enquanto esta está ainda em curso, criando a ideia de que a narradora é “eu observador que explicita como vai operando sua câmera/lente para focar a cena de que se aproxima.” (Dias, 2009, p. 354). Esta particularidade da narração confere ao conto um forte caráter metalinguístico, uma vez que a narradora controla sua “câmera” para mudar seus ângulos de visão, assim como para avançar e retroceder sua posição nos eventos da história, demonstrando o seu

conhecimento da sequência de acontecimentos, o que parece fazer referência ao próprio ato de leitura e releitura do conto original. O presente do indicativo, portanto, permite o reviver deste passado narrado.

Outra característica que se destaca no conto, assim como em relação ao conto machadiano, é a forte presença de frases de pouco ou nenhum valor verbal, como orações com predicados nominais e “minissentenças”, que, segundo Castilho (2010, p. 317), são “sintagmas nominais, adjetivais, adverbiais e preposicionais não selecionados por um verbo em forma pessoal”, como em: “A estante envidraçada, alguns livros e vagos objetos nas prateleiras penumbrosas” e “Um jovem tão nítido” (Telles, 2018, p. 342). Estas frases são utilizadas para a descrição do cenário e de aspectos relacionados às personagens, além de imprimirem ao conto um rápido ritmo de leitura, “justamente por pressuporem participantes, estados, ações e eventos facilmente identificáveis no contexto” (Castilho, 2010, p. 316). Tal característica, somada ao aspecto imperfectivo que permeia o conto, faz com que o texto seja formado majoritariamente por orações de baixo grau transitivo, o que gera um fundo narrativo que se sobressai à figura.

Mesmo as orações que possuem alto grau transitivo ainda não atingem todos os parâmetros sintático-semânticos estabelecidos por Hopper e Thompson (1980, *apud* Cunha e Tavares, 2016) para a análise da transitividade, como por exemplo as orações “Ele fecha o livro. Ela tranca a porta” (Telles, 2018, p. 349). Tais sentenças atingem grau nove em transitividade, já que possuem sujeitos agentes e intencionais, objetos individuados e afetados, ações afirmativas, pontuais, reais e cinéticas, mas que não são perfectivas, estão no presente do indicativo. Tal análise aponta para uma figura narrativa, aquela que indica a sequência temporal de eventos, que é, na verdade, centrada no “não-evento”, em ações inacabadas. Esta escolha de tempo verbal da autora está de acordo com um efeito causado pela rememoração, que é o de reviver o passado, presentificando-o. A memória é o que permite a suspensão no tempo dos momentos narrados.

Outro efeito criado pelas escolhas sintáticas de Telles em seu texto é a dramaticidade. Uma das causas é a presença no conto de conectivos “e” posicionados em início de período, após o ponto final, como em: “Sem alterar as superfícies tão inocentes como essa noite diante do que vai acontecer. *E* do que não vai acontecer — precisamente o que não acontece é que me inquieta. *E* excita, o céu tão claro de estrelas.” (Telles, 2018, p. 342-343). Neves (2006, p. 246) chama tal construção de pausa dramática, isto é, uma pausa “indica um encerramento que, afinal, não se efetua, e, assim, o acréscimo do segundo segmento ao primeiro tem efeito dramático”. Tal construção é uma indicação da atuação tanto da marcação, quanto da iconicidade linguística. Primeiro, tem-se com ela uma quebra com o subprincípio da iconicidade, que diz respeito aos conteúdos mais próximos cognitivamente estarem próximos também no nível da codificação. Em relação à marcação, a construção da pausa dramática, pelo posicionamento incomum do conectivo, está de acordo com o critério da distribuição de frequência, ou seja, a estrutura linguística marcada tende a ser menos frequente no uso da língua. Seguindo o mesmo critério, são marcados também no conto de Telles os usos constantes de orações interrogativas, menos frequentes na fala e na escrita que as declarativas, como “Vocês sabem que dentro de alguns minutos será o nunca mais?” (Telles, 2018, p. 348), usadas pela narradora para expressar sua própria emoção/ansiedade diante dos fatos inevitáveis do decorrer da narrativa, o que torna o texto ainda mais dramático. Tal recurso não é utilizado por Machado durante a narração de seu conto, apenas em trechos de discurso direto de suas personagens.

CONCLUSÕES

A partir da análise dos recursos sintáticos na construção textual de “Missa do Galo”, tanto o de Machado, quanto o de Telles, foi possível atestar o pressuposto funcionalista que diz respeito à relação de interdependência entre a forma linguística e sua função no texto, seu efeito de estilo. No conto machadiano, o fator memorialista é construído sintaticamente principalmente pelo uso do aspecto imperfectivo no pretérito imperfeito, que cria a imprecisão narrativa de uma rememoração, assim como a noção de uma “tempo psicológico” maior que o tempo real das ações. Contribuindo para a criação da opacidade da memória, assim como ao tom dualístico do conto, há a presença de paralelismos sintáticos, que demonstram com sua complexidade gramatical, a ambiguidade de motivações das personagens durante o jogo erótico que se dá entre elas. Por sua vez, o conto de Telles trabalha a questão do rememorar pela presentificação do passado, e isso por meio do uso do aspecto imperfectivo verbal do presente do indicativo, que suspende no tempo os eventos narrados, adiando a

realização das ações e o fim do momento compartilhado pelas personagens, além de ajudarem a criar uma atmosfera de “não-acontecimentos”, aumentada pela presença de orações de predicados nominais e minissentenças. A dramaticidade do conto, que envolve os sentimentos da narradora diante de seu conhecimento dos eventos da noite e como eles terminam, é expressa, por exemplo, por escolhas marcadas do posicionamento das conjunções.

Verificou-se, portanto, que o conto de Lygia Fagundes Telles diverge-se em estilo do conto de Machado de Assis ao contar a mesma história, principalmente por possuir um caráter mais nominal e menos verbal, assim como por ter o caráter verbal construído pela utilização do presente do indicativo, algo que se destaca dentro do que é comumente associado com a narração, que seria a contação de ações em sequência de eventos concluídos. Contudo, essa escolha da autora que favorece o descritivo e a suspensão das ações no tempo parece ser o que mais fortemente liga a sua “Missa do Galo” com a original, justamente por permitir a repetição da atmosfera narrativa ambígua, que envolve tanto o elemento memorialista, quanto o foco no evento erótico que é insinuado, porém frustrado, inacabado. Pode-se dizer que ambos os contos são centrados na contação de uma história de “não acontecimentos”, história mais preocupada com o que não acontece entre Nogueira e Conceição durante o diálogo de insinuações sensuais que se passa entre eles na noite de Natal, antes da Missa do Galo. Tal criação de atmosfera aparenta relacionar fortemente o conto de Telles não só com sua inspiração imediata, mas com uma abordagem do erotismo recorrente na obra de Machado como um todo. Como coloca Bastos (2008, p. 54), o momento erótico machadiano “é intransitivo, dispensa antecedentes, não vai a nenhum lugar”, o que estaria conectado com o próprio projeto do autor de representação da realidade, que possuiria como princípio a *irrealização*.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

GABRIELA CARDOSO GENERATO¹ foi responsável pela escolha das obras trabalhadas, pelo levantamento e análise de dados e pela redação dos textos, enquanto CRISTINA LOPOMO DEFENDI² se encarregou da orientação, discussão teórica e revisão. Ambas as autoras aprovaram a versão submetida.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos ao CNPq pela bolsa de pesquisa e ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo campus São Paulo pela formação e oportunidade de realização do projeto.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Contos**. São Paulo: FTD, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de estilística no ensino da língua**. Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2013.

BASTOS, Alcmeno. O corpo metonímico: erotismo em Machado de Assis. Rio de Janeiro: **Metamorfoses**, vol. 8, 2008.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da e TAVARES, Maria Alice (org.). Linguística funcional e ensino de gramática. IN: **Funcionalismo e ensino de gramática** [recurso eletrônico]. Natal, RN: EDUFRRN, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/21375>.

DIAS, Maria Heloísa Martins. A "Missa do Galo" na matriz e nas filiais. Araraquara: **Itinerários**, n. 29, p. 353-370, jul/dez. 2009.

NEVES, M. H. M. **A Gramática do Português revelada em Textos**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

NEVES, M. H. M. Falar de... e dizer que... Ou: A construção das predicações. IN: **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 34-74.

TELLES, Lygia Fagundes. **Os contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 342-349.